



ANA CAROLINA LINS FALCÃO

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA ATUAR NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Guarabira – PB

2016

ANA CAROLINA LINS FALCÃO

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA ATUAR NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba Campus III-Guarabira (PB), para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: da Profa. Dra. Adriana Sales Barros.

Guarabira – PB

2016

ANA CAROLINA LINS FALCÃO

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA ATUAR NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho apresentado à Coordenação
do Curso de Licenciatura em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba –
UEPB como requisito parcial para a
obtenção do Grau de Licenciada em
Letras.

Aprovada em: 25/05/2016

BANCA EXAMINADORA

Adriana Sales Barros

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana Sales Barros
Orientadora

Eneida O. Dornellas de Carvalho

Prof.^a Dra. Eneida Oliveira Dornellas Carvalho
Examinadora

Joana Emília Paulino de Araújo Costa

Prof.^aMs. Joana Emília Paulino A. Costa
Examinador

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F178f Falcão, Ana Carolina Lins
A formação de professores para atuar na Educação de Jovens e Adultos [manuscrito] / ana Carolina Lins Falcão. - 2016.
24 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
Orientação: Adriana Sales Barros, Departamento de Letras.

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Desenvolvimento Docente. 3. Professores. I. Título.

21. ed. CDD 371.12

RESUMO

A formação de professores vem estimulando estudiosos que buscam caminhos para melhor capacitar os professores a fim de que esses possam idealizar e revigorar sua prática. A modalidade que se apresenta para análise e investigação é a Educação de Jovens e Adultos e a formação de professores. A educação como processo dinâmico exige que o educador esteja constantemente atualizado com as inovações de caráter teórico e metodológico do seu campo de estudo e trabalho. A pesquisa, reflexão teórica e bibliográfica constituem a base do fazer em educação. O educador que não pesquisa, não inova e não se atualiza, compromete sua eficiência técnica e eficácia do seu fazer, limitando o objetivo da educação. Os teóricos norteadores deste trabalho são: (Arbache, Behrens, Dayrell, Estrela, Frigotto, Nunes, Paiva, entre outros). Os resultados obtidos nesta pesquisa demonstraram a relevância das práticas de formação continuada em serviço no desenvolvimento profissional do professor. Essa prática contribui para a constituição de saberes necessários, como também para a identidade do Professor de EJA. Para os professores envolvidos nesta investigação a formação na escola foi a contribuição mais expressiva para sua atuação de Professor de EJA e, para a maioria, foi a única oportunidade de aproximar-se dos temas relacionados a esta modalidade de ensino.

Palavras chave: Educação de Jovens e Adultos - Desenvolvimento docente - Professores

INTRODUÇÃO

Iniciamos este artigo com um questionamento: quando discorreremos sobre educação e formação, estaríamos nos referindo sobre a mesma compreensão? A título de resposta simples, poderíamos dizer que não! Neste caso, quais seriam então as diferenças? Em termos de argumentação, poderíamos assegurar que a educação tem por características próprias, caráter processual, amplo, genérico e contínuo. A ideia de educação envolve a compreensão de princípios éticos e valores morais que acompanham membros de uma comunidade, povo, etnia, nação, continente por gerações e, como se diz na linguagem pública, “por uma vida inteira”.

Alguns dos valores difundidos pela educação, sobretudo, os de natureza ética podem ser absorvidos e reforçados, a partir das práticas e relações sociais entre membros de uma mesma comunidade ou, através de relações entre grupamentos sociais distintos. No entanto, outros valores podem sofrer acréscimos ou serem considerados de menor importância, diminuindo sua evidência, igualmente, por tais práticas e relações.

Desta forma, todos os membros da sociedade têm corresponsabilidade na transmissão dos princípios e valores de um povo. Por sua vez, a formação pode ser considerada uma fase complementar à educação. Isto porque, a formação se refere a aquisição e domínio de saberes específicos direcionados para um determinado fim. Assim sendo, cada um de nós, podemos apreender diferentes saberes e aprender diferentes profissões, além de sermos capazes de desenvolver diferentes habilidades.

Podemos ainda afirmar que a formação em serviço do professor tem sido uma tentativa dos Sistemas Educacionais para a superação de políticas e programas de formação continuada ineficientes para resolver os graves problemas da educação, como o acesso e a permanência na escola, a evasão, o fracasso escolar entre outros desafios.

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a construção e redimensionamento dos saberes docentes de professores da Educação de Jovens e Adultos, trazendo ao debate a relevância da formação continuada na especificidade desta modalidade de ensino, principalmente quando esta, não foi contemplada na formação inicial, levando a evidenciar a questão da

aprendizagem do professor que, enquanto sujeito singular, possui uma história de vida, aprende e reconstrói seus valores e sua experiência. De tal maneira, apresenta-se a significação da formação continuada, como espaço e tempo de reflexão e de produção pedagógica, contribuindo e estimulando os professores a buscarem o seu desenvolvimento profissional e pessoal.

Percebemos que apesar das várias propostas existentes no âmbito da educação, os resultados continuam insatisfatórios no que diz respeito à Educação de Jovens e Adultos. Diante disso, fica claro que a ação docente não pode ser reduzida à grade curricular e ao acúmulo de disciplinas, ela deve ser fundamentada em práticas investigativas e criteriosas. Para tanto, a formação continuada de Professores é mecanismo primordial e essencial ao desencadeamento de mudança em sua prática.

1. A EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que, de acordo com a história no Brasil, sempre foi vista como uma prática despedaçada, como um complemento de programas. Esse acontecimento deve-se a não exigência de formação específica de seus docentes, ficando a cargo do próprio educador a busca por sua formação. Assim, qualquer professor com formação para atuar no Ensino Fundamental e Médio pode ser docente de EJA, mesmo os que não cursaram disciplinas específicas para a EJA na sua graduação ou discutiram internamente no âmbito de outras disciplinas sua especificidade.

Porém atualmente, a EJA exige uma discussão mais ampla no que diz respeito à sua verdadeira função, que segundo PAIVA (1973, p.16) é:

A educação de jovens e adultos é toda educação destinada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se e obter os conhecimentos básicos necessários.

Tende acolher prioritariamente, à classe trabalhadora, portanto a EJA não pode ser refletida de forma desarticulada do mundo do trabalho. É preciso, abranger que um acréscimo por uma educação formal está inteiramente relacionado com a mudança do aspecto de mercado de trabalho. E essa relação entre organização social e a escolaridade nunca foi tão forte, pois hoje em dia a empregabilidade só é avalizada, mediante a escolaridade.

Dentro dessa esperança, é evidente que o retorno dessa população à escola não significa apenas uma busca para o aumento de conhecimentos para conseguir emprego ou uma maneira favorável, mas acima de tudo para se manter no trabalho atual. De acordo com Gaudêncio Frigotto(2000, p. 34):

O campo educativo, da escola básica à pós-graduação, no quadro do ajuste global, é, então, direcionado para uma concepção produtivista, cujo papel é o de desenvolver habilidades de conhecimento, de valores e atitudes e de gestão de qualidade, definidas no mercado de trabalho, cujo objetivo é formar, em cada indivíduo, um banco de reservas de competência que lhe assegure empregabilidade.

Segundo Jamil Cury, relator do PARECER CNE/CNB 11/2000, nas páginas 7 a 9 é bastante enfático no que diz respeito às três funções de EJA: reparadora, equalizadora e qualificadora.

Ainda segundo o entendimento do autor, a Função Reparadora da EJA não se acena apenas à entrada dos jovens e adultos no âmbito dos direitos civis. Passa também pelo reparo de um direito a eles negado, ou seja, o direito a uma escola de qualidade e a importância da igualdade de todo e qualquer ser humano ter acesso a um bem real, social e simbolicamente importante. Então, não se pode confundir-se a noção de reparação com a de suprimento, pois é imprescindível que seja um modelo educacional que mencione situações pedagógicas aceitáveis para atender as necessidades de aprendizagens específicas de alunos jovens e adultos.

Função Equalizadora relaciona-se à igualdade de chances que possibilita proporcionar aos indivíduos novas inclusões no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e nos canais de participação. A equidade é a forma pelos quais os bens sociais são distribuídos, tendo em vista maior igualdade, dentro de situações específicas. Nessa linha, a EJA representa uma possibilidade de concretizar um caminho de desenvolvimento a todas as

peçoas, de todas as idades, permitindo que jovens e adultos atualizem seus conhecimentos, mostrem habilidades, troquem experiências e tenham acesso a novas formas de trabalho e cultura.

Logo a Função Qualificadora refere-se à educação permanente, com base no caráter incompleto do ser humano, cuja potencialidade de desenvolvimento e de adaptação pode-se atualizar em quadros escolares. Mais do que uma função, é o próprio sentido da educação de jovens e adultos.

As Diretrizes Curriculares Estaduais de EJA - DCE enfatizam a função social dessa modalidade de ensino, o perfil de seus educandos, as formas de avaliação, metodologia e especialmente, os três eixos articuladores do currículo de EJA, a saber: cultura, trabalho e tempo. De acordo com a DCE-EJA (2005, p.37):

A partir das reflexões durante o processo de elaboração das DCE para a Educação de Jovens e Adultos, identificaram-se os eixos cultura, trabalho e tempo como os que deverão articular toda a ação pedagógico-curricular nas escolas. Tais eixos foram definidos tendo em vista a concepção de currículo como um processo de seleção de cultura, bem como pela necessidade de atender o perfil do educando da EJA.

Outra seguinte consideração a fazer sobre os eixos articuladores: cultura, trabalho e tempo, é que, unidos aos conteúdos estruturantes de cada disciplina, podem ser uma grave sustentação para uma aprendizagem que leve à politização, pois uma das formas de exclusão é o despreparo para questionamentos e a participação, fatores motivais para a liberdade e a conscientização para chegar a uma transformação política. A prática pedagógica bem motivada supera os modismos políticos e realiza uma de suas principais funções que é a inclusão social. Enfim, a EJA não pode ser uma modalidade educacional indiferente pela grande extensão que tem.

Além disso, segundo as DCE, a EJA deve ser uma modalidade de ensino com uma estrutura mais flexível do que as escolas regulares, onde o tempo de aprendizagem de cada aluno é diferenciado, portanto, deve ser levado em conta, dando-se ênfase ao educando para atender suas necessidades individuais com propostas educativas que garantam o acesso, a permanência e o êxito na escola.

1.1 REPRESENTAÇÕES DO ESTUDANTE DE EJA

De acordo com os graus e modalidades de ensino a escola deve estar voltada ao aluno e não ao oposto. Na EJA, esta importância deve ser reforçada, pois o jovem e o adulto que procuram esta modalidade de ensino como já foram dito, já trazem consigo experiências de vida e conhecimentos informais empilhados historicamente. Esta bagagem cultural deve ser aplicada pelo professor, uma vez que é imprescindível fazer uma ponte entre o interesse de seus educandos e suas experiências com o conhecimento científico, formal, para que haja uma educação que esteja a serviço desse perfil de aluno.

As Diretrizes Curriculares Estaduais da Educação de Jovens e Adultos em sua variante preliminar destacam como ponto principal a inclusão sobre o perfil de seus educandos:

Compreender o perfil do educando da EJA requer conhecer a sua história, cultura e costumes, entendendo-o como um sujeito com diferentes experiências de vida e que em algum momento afastou-se da escola devido a fatores sociais econômicos políticos e ou culturais. (DCEs, 2005, p 33)

De modo geral, os alunos que buscam a EJA para retomar seus estudos são pessoas de classe trabalhadora, vivendo grande parte delas de subemprego ou desempregados. Procuram a escola com a vontade de escalar melhores possibilidades de emprego, sendo a EJA uma ocasião para isso. São na maioria, marginalizados pela escola e marcados por uma história de entradas e saídas de cursos anteriores, por motivos que alteram desde os de ordem pessoal, como cansaço após a jornada de trabalho, desestímulo, alimentação deficiente, até os que dizem respeito ao sistema educacional, como metodologias e recursos pedagógicos inadequados.

Os que desistem da escola fazem isso por múltiplos fatores de ordem social e econômica, mas também por se sentirem excluídos dentro da própria realidade de ensino e aprendizagem na escola. Nesse método de exclusão, o insucesso na aprendizagem tem tido papel destacado e determina a frequente

atitude de distanciamento, temor e rejeição em relação à escola que parece inacessível e sem sentido ao aluno. Para SANTOS (2003, p. 74):

Os jovens e adultos pouco escolarizados trazem consigo um sentimento de inferioridade, marcas de fracasso escolar, como resultado de reprovações, do não - aprender. A não-aprendizagem, em muitos casos, decorreu de um ato de violência, porque o aluno não atendeu às expectativas da escola. Muitos foram excluídos da escola pela evasão (outro reflexo do poder da escola, do poder social); outros a deixaram em razão do trabalho infantil precoce, na luta pela sobrevivência (também vítimas do poder econômico).

A despeito de todas as carências citadas, essas pessoas possuem experiência de vida que lhes permitem sobreviver em meio às dificuldades que para muitos seriam intransponíveis, possuem uma forma favorável de aprendizagem, um saber próprio resultante de experiências crescidas ao longo da vida, pelo fato de dedicarem-se o aluno da Educação muito cedo a uma atividade bem-sucedida.

Deste modo, é preciso destacar que de Jovens e Adultos já desenvolve os conteúdos, envolvendo-se nas práticas sociais. Falta-lhe sistematizar. A extensão política e social deve fazer parte das discussões em aula a partir do momento em que o empenho do jovem e do adulto, trabalhador ou não, é estar engajado e participante no contexto social e cultural em que está inserido.

Diversos jovens e adultos dominam conhecimentos aprendidos de maneira descerimoniosa ou intuitiva antes de entrar em contato com os aspectos simbólicos convencionais. Esse conhecimento faz crítica a um tratamento respeitoso e deve constituir o ponto de partida do conhecimento formal. Por isso, os estudantes devem ter chance de contar suas histórias de vida, exibir os conhecimentos informais que têm sobre os assuntos, suas necessidades cotidianas, suas expectativas em relação à escola e às aprendizagens.

1.2 O PROFESSOR DE EJA

No nosso país a formação de jovens e adultos começou, quando se viu indispensável profissionalizar a nova sociedade pós-escravidão, para o recente desenvolvimento e urbanização do Brasil.

Deste tempo até os dias de hoje muito se foi feito para que a Educação de Jovens e Adultos fosse vista não apenas como uma forma de habilitação para o mercado de trabalho, mas como a formação de cidadãos críticos, reflexivos e autônomos. A função do professor é de intercessor desta formação, utilizando técnicas de ensino apropriadas, permitindo aos alunos a chance de alcançarem cada vez mais um novo grau de conhecimento que agrade suas precisões como indivíduo de uma sociedade. Para que esse alvo seja adquirido têm-se a inquietação com a formação do professor, que deve ser contínua.

De acordo com Arbache (2001), “a formação do professor de EJA deve ter um enfoque específico no que diz respeito ao conteúdo, metodologia, avaliação e atendimento a esse grupo tão heterogêneo de alunos”. Fica notório que a formação acadêmica de graduação do professor para atender a especificidade da EJA ainda encontra-se em fase principiante.

Visando diminuir essa discrepância, a formação continuada ao longo da carreira profissional pode contribuir para os docentes dessa modalidade de ensino, na troca de experiências com seus pares, uma batalha mais eficiente, levando-os na direção de um trabalho pedagógico preparado a enfrentar a variedade cultural de seus alunos e, por consequência, melhorar o desenvolvimento destes.

A representação dos professores se estabelece ao longo de sua carreira e requer um acompanhamento a longo prazo. “Em termos de grupo, o perfil consubstancia-se historicamente na cultura profissional, como patrimônio que garante a sobrevivência do grupo e permite a definição de estratégias indenitárias adaptadas a cada fato histórico social” (ESTRELA, 1997, p.47). Ser professor significa contribuir para a formação de cidadãos, portanto, o educador faz a diferença, de acordo com Behrens (1996, p. 64):

A figura do professor poderia simbolicamente ser comparada com a de um maestro criativo que exigiria dos componentes da orquestra: organização, iniciativa própria, envolvimento, dedicação e, principalmente, ações coletivas desencadeadas por processos participativos. Sendo criativo, articulador, mediador e desafiador, o professor apostaria em todos os meios e recursos existentes para consolidar a construção do conhecimento

É necessário compreender e respeitar a pluralidade cultural, as identidades, as questões que envolvem classe, raça, saber e linguagem dos alunos, valorizando a sua bagagem histórica.

É de acordo com ARBACHE (2001, p. 22):

Visualizar a educação de jovens e adultos levando em conta a especificidade e a diversidade cultural dos sujeitos que a elas recorrem torna-se, pois um caminho renovado e transformador nessa área educacional.

Desse modo, para que o professor de Jovens e Adultos possa colaborar com uma aprendizagem mais significativa deve estar preparado para atender esses alunos em todas as suas especificidades e, portanto, deve conhecer seus alunos e suas necessidades.

Na história da educação brasileira, a Educação de Jovens e Adultos, como uma modalidade diferenciada, chama a atenção o seu caráter extensivo, por ser fora dos moldes tradicionais das escolas noturnas e, com relação ao aspecto da legislação não era algo sólido, não se configurava como um compromisso dos órgãos competentes (PAIVA, 1973).

No âmbito da sala de aula, o importante não é só colocar conteúdos, mas despertar uma nova relação com a experiência vivida. Logo, antes de qualquer coisa, é preciso conhecer o aluno, reconhecê-lo como indivíduo no contexto social, com seus problemas, seus traumas, seus medos, suas necessidades, valorizando seu saber, sua cultura, sua oralidade, seus desejos, seus sonhos. Possibilitar uma aprendizagem integradora, abrangente, não compartimentalizada, não fragmentada.

São essas experiências, entre outras que constituem os alunos como indivíduos concretos, expressões de um gênero, raça, lugar e papéis sociais, de escalas de valores, de padrões de normalidade. (DAYRELL, 1996, p. 142)

Esses jovens e adultos não são somente desprovidos de tudo. Eles são também trabalhadores e muitos em busca de tal, carregam uma linguagem própria (que muitas vezes nós chamamos de errada) que transmite a sua realidade social ou de seu grupo, uma visão de mundo a cerca da dura realidade,

seus sonhos e suas faltas. Estes jovens e adultos geralmente possuem culturas do meio rural, da periferia, da vila, da origem afro, alemã, de certa religião, etc. Estes jovens e adultos são pais, mães, esposos, esposas, namorados e namoradas, filhos e filhas. Eles educam, cuidam de si, cuidam de outros, eles tem diversos saberes. Eles aprenderam a sobreviver num mundo conduzido pelo valor da escrita, em que a escolarização vale a possibilidade de obter empregos e ascender socialmente: permitindo tais benefícios como preencher fichas, ler documentos, usar a escrita como forma de perpetuar a memória, de obter informações, de comunicar-se à distância. Estes jovens e adultos, homens e mulheres, sabem muito da importância social da escrita, muito mais que qualquer pessoa escolarizada.

Para nós se tornou tão comum usar a escrita que, com certeza, não podemos imaginar o que seria viver sem fazer uso dela. No entanto, pessoas não-escolarizadas sabem muito bem os usos que são feitos da escrita, sabem para que serve, onde é usada e, provavelmente, o que deve estar escrito nos diversos textos que encontramos no nosso meio. Isto significa que estes homens e mulheres têm um método de leitura bastante avançado que deve ser reconhecido. Na sua maioria também aprenderam a disfarçar seus não-saberes utilizando diversos argumentos como: esqueci os óculos, a letra está muito pequena, você poderia ler para mim? Por fim, criam estratégias de leitura de símbolos, sinais, imagens, cores, números, que lhes permite conduzir no meio urbano e expande suas atividades de trabalho mesmo sem o domínio da leitura e da escrita. Eles também resolvem contas mentalmente, na maioria das vezes sem fazer uso das operações matemáticas formais.

Falar de EJA é distinguir os diferentes grupos sociais que não são escolarizados e seus saberes, reconhecer suas diferenças e semelhanças em relação a outros grupos ou aos letrados. Com certeza, grupos muito mais heterogêneos que os de crianças, para os quais o mundo ainda está se apresentando. Trabalhar com EJA é saber o que ensinar e o porquê, levando em consideração os saberes que estes educandos já tem, fazendo-os reconhecer estes variados saberes, sua validade para a vida e seus limites. Este seria o início, o ponto de partida para qualquer prática educativa em EJA: educadores e

educandos se distinguirem enquanto sujeitos portadores e produtores de cultura, de saberes.

Reconhecerem o lugar de onde falam, a partir de seus caminhos, das suas experiências, das suas crenças, desejos e vontades. Reconhecerem-se, além disso, enquanto sujeitos grupais, os aspectos corriqueiros das suas trajetórias com os de outros colegas, sujeitos integrados em um processo histórico que ultrapassa nosso limite individual e nos identifica com classes sociais, com raças e etnias, com religiões, com gêneros, com partidos ou propostas políticas, com grupos sociais.

Esses jovens que chegam à escola são o resultado de um processo educativo amplo, que ocorre no cotidiano das relações sociais, quando os sujeitos fazem-se uns aos outros, com os elementos culturais a que têm acesso, num diálogo constante com os elementos e com as estruturas sociais onde se inserem e as suas contradições. (DAYRELL, 1996, p. 142)

É a partir disso que a escolarização se torna educação, quando está atrelada aos processos sociais mais extensos, nos quais a escola pode e deve ocupar este espaço privilegiado de centralização acerca da vida: de todas as formas de organização humanas, de como as sociedades se organizam para manter, ampliar e qualificar a existência humana, das percepções e valores que orientam o modo de ser e agir, dos processos históricos, da ocupação do espaço geográfico, das relações sociais, das relações de poder, das diversas linguagens, do conhecimento do corpo físico, etc. Ser sujeito, ser ator, é fazer escolhas. É colocar-se frente ao mundo e, ao posicionar-se, ocorre o compromisso.

A figura do professor poderia simbolicamente ser comparada com a de um maestro criativo que exigiria dos componentes da orquestra: organização, iniciativa própria, envolvimento, dedicação e, principalmente, ações coletivas desencadeadas por processos participativos. Sendo criativo, articulador, mediador e desafiador, o professor apostaria em todos os meios e recursos existentes para consolidar a construção do conhecimento (BEHRENS, 1996, p. 64)

Quando escolhemos ser educadores, professores de jovens e adultos, assumimos um acordo que nem sempre é claro para nós. Fazer formação de professores em EJA é partir desta reflexão de quem somos, que

visões de mundo, de educação, de jovens e adultos temos, que anseios nos levam-nos a interessarmos por esta área de atuação. É nos voltarmos para nós mesmos, é nos reconhecermos em nossa transitoriedade e inacabamento enquanto seres humanos, é saber da importância e da profundidade desta tarefa que é educar. Sabemos que jovens e adultos que procuram a EJA, tem um forte desejo de saber assinar o nome, ler a placa do ônibus, ler o jornal, a Bíblia, escrever cartas, escrever recados, fazer contas no papel. Querem muitas coisas, na sua maioria estão cheios de anseios. Querem aprender a “falar direito”, aprender novos jeitos de ser, conhecer pessoas. Querem tudo pra hoje. Não há tempo a perder, não há tempo para o conhecimento ser usado no futuro, como se diz para as crianças, o futuro quase já passou. O que vale são as necessidades e desejos do agora. Não há mais grandes ilusões acerca da ascensão social, ainda que para o jovem talvez se abra a possibilidade de trabalho. Mesmo almejando repetir o ensino tradicional, por acreditar que essa é a única forma de aprender, o adulto facilmente diferencia uma educação voltada para seus interesses de uma educação voltada apenas para a escola, para passar de ano.

Observe as classes de jovens e adultos que têm suas salas cheias. Acatar os interesses e necessidades do aprender dos educandos não passa necessariamente por trabalhar com tudo aquilo que eles exigem, como ler a Bíblia ou escrever cartas.

Compreender que educar é muito mais que agrupar pessoas numa sala de aula e transmitir-lhes um conteúdo pronto. O principal papel do professor, seu papel fundamental é especialmente sua atuação na EJA, envolver melhor o aluno e sua realidade cotidiana. Afinal, é confiar nas possibilidades do ser humano, buscando seu crescimento pessoal e profissional. Deste modo, o professor estará protegendo de forma mais ativa o processo de reingresso dos alunos às turmas de EJA.

Diante disso, essa análise remete ao conhecimento de que mudar é preciso, no entanto, deve ser um processo moldado pela transformação, que no caso do ensino, traduz-se pela conquista de um processo mais interiorizado: a aprendizagem. Logo, eis a pergunta-chave: o que o professor poderia levar de

inovação para a sala de aula, além de se manifestar portador de um título de graduação superior? Sobre isso, está a afirmação de que:

É preciso insistir que tudo quanto fazemos em aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos, cada uma destas decisões veicula determinadas experiências educativas, e é possível que nem sempre estejam em consonância com o pensamento que temos a respeito do sentido e do papel que hoje em dia tem a educação (ZABALA, 1998, p. 29).

O foco do trabalho pedagógico do professor faz toda diferença; ele deve preocupar-se com os alunos, para poder tirá-los do lugar comum, independentemente de políticas públicas e programas. Ensinar de maneira crítica depende do preparo e da formação do professor. Estes requisitos são preconizados no PARECER CNE/CNB 11/2000:

Com maior razão, pode-se dizer que o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer. (PARECER CNE/CONEB, 2000, p 56)

O educador comprometido com sua prática e consciente de suas obrigações com a profissão que escolheu, faz da formação continuada uma exigência metodológica. Quanto maior o domínio e atualização das informações e saberes sobre seu campo de estudo e trabalho, tanto mais qualificada será sua prática. Um educador com vasto domínio teórico do seu campo de trabalho melhor saberá articular o conhecimento com os aprendentes com os quais trabalha, dando-lhe sentido e significado, contribuindo para a emancipação dos mesmos.

Vale salientar, que o verdadeiro papel do educador popular deve ser o de fazer com que, todos juntos, sejam levados a pensar, discutir os fatos do mundo. É importante que os alunos se vejam como parte da história e não apenas como espectadores. Para tanto, o educador deverá estimular a

participação dos alunos, trazendo assuntos do interesse deles, procurando vincular os conteúdos curriculares com aquilo que eles conhecem mostrar a realidade como ela é, trabalhando em cima dos problemas que os cercam, preparando-os para lutar por um mundo melhor. Enfim, levando-os ao caminho da cidadania. Piconez (1995, p.37) também critica a falta de formação especializada na EJA:

A maioria dos estudos sobre Educação de Adultos tem colocado, entre suas prioridades, a necessidade de formação de professores para educação tão peculiar. A inexistência de estudos sobre jovens e adultos nos cursos de formação de professores, seja em nível de 2º ou 3º graus, tem sido colocada com frequência. As próprias Faculdades de Educação começam a se dar conta nos últimos anos que seus currículos não contemplam estudos sobre a problemática do analfabetismo ou da educação de jovens e adultos, tratada, muitas vezes, como matéria espúria, com seu desenvolvimento caracterizado por descontinuidades ou como tarefa de perspectiva assistencialista ou filantrópica, e não na perspectiva de um direito de cidadania.

Nesse sentido, pensar sobre a formação de professores, e principalmente os de EJA, é essencial, pois, na medida em que se têm mais professores diplomados para a escolarização de jovens e adultos, mais potencialidade a escola terá de participar de processos de mudança. Sabe-se que a formação de professores para atuar com esta faixa etária de alunos é recente. Poucos cursos estão criando capacitações ou implantando disciplinas para tratar sobre o ensino de jovens e adultos, ou ainda programas de pós-graduação em nível de especialização com trabalhos produzidos nessa modalidade. Assim, percebe-se que o educador da EJA adquire seus saberes na prática e na formação continuada, pois, dificilmente, na formação inicial ele teve oportunidades de aprender e refletir sobre os processos de desenvolvimento do aluno adulto.

Dando continuidade no que diz respeito às perspectivas da formação complementar, os professores apontam que a questão do educador social está sendo novamente colocada em razão do crescente número de projetos de extensão na área. Os projetos com juventude e movimentos sociais conferem visibilidade a outras possibilidades de atuação no campo, o que, segundo Ana, provoca um "rol de demandas que nós vamos ter que aprender a formar para elas, porque eu acho que nós não sabemos não". Ao mesmo tempo, os

professores apontam a necessidade de dar visibilidade às ações de EJA da Faculdade e de manter os profissionais que se formam vinculados ao núcleo de pesquisa e ensino, para que seja possível estruturar melhor a área.

É preciso que a escola tenha claro quem são os jovens e adultos que procuram a escola e quais as suas expectativas, bem como que sujeitos e sociedade ela quer ajudar a construir, para assim definir objetivos, metodologias que atendam aos interesses desses alunos. (OLIVEIRA, 2008, p.145)

Vale salientar que é de extrema importância que a escola, juntamente com os educadores, não deixe de desconsiderar a bagagem cultural trazida pelos educandos, pelo contrário, deverá valorizá-la, pois vem de pessoas que já possuem vivências e conhecimentos, que são excluídas e discriminadas por não terem tido acesso aos saberes sistematizados e que, na maioria das vezes vão à escola após uma dura jornada de trabalho. E esta relação, num processo educativo entre adultos, mesmo considerando que um dos objetivos fundamentais da educação de adultos pouco escolarizados é o possibilitar o acesso ao conhecimento formal, não pode reproduzir a estrutura e os conteúdos do ensino tradicional.

Em vista disto, para atender a formação desse profissional, acreditamos em uma formação continuada que possibilite ao professor uma participação mais ativa no mundo da profissão e uma formação potencializadora de ampliação da autonomia e da capacidade de trabalhar com as transformações que vêm ocorrendo na economia, na cultura e na sociedade.

Para que o profissional esteja disposto para pensar e enfrentar essas situações, a procura por formação deve, ou deveria ser inerente a sua prática. No entanto, esta procura, muitas vezes, não faz parte do cotidiano dos professores e não é incentivada pelas instituições formadoras, nem pelas instituições empregadoras.

2. SABERES DOCENTES

Dentre tantas contribuições do movimento pela profissionalização do ensino, iniciado na década de 1980, uma das maiores foi o reconhecimento da existência de saberes específicos que diferenciam a profissão docente, saberes ampliados pelos professores tanto no seu processo de formação para o trabalho quanto no próprio cotidiano de suas atividades como docentes. Diante desse reconhecimento, diferentes estudos têm sido ampliados tendo os saberes docentes como objeto, acarretando um crescimento e uma diversificação cada vez maior no que diz respeito a esse campo de pesquisa.

A respeito do desenvolvimento do campo de pesquisas sobre os saberes docentes no Brasil, pode-se dizer que as primeiras pesquisas datam dos anos noventa e foram fortemente influenciadas pelos estudos internacionais desenvolvidos desde o início da década de oitenta. Essa influência torna-se evidente principalmente se tomarmos como base a forte tendência das pesquisas brasileiras em defenderem a centralidade da figura do professor e a importância de que se procure compreender a prática pedagógica a partir de toda complexidade que a envolve, tanto no que diz respeito à própria atividade de ensinar quanto ao fato de que os dois agentes dessa atividade são pessoas, com histórias, memórias, trajetórias, expectativas e experiências singulares. (NUNES, 2001).

Analisando a contribuição e a extensão dos estudos internacionais no desenvolvimento das pesquisas brasileiras torna-se fundamental o contato com a produção de autores e de grupos de pesquisa que tem como objetivo principal investigar a profissão docente e seus saberes. Neste sentido, os pesquisadores que pretendem desenvolver suas investigações tendo os saberes docentes como objeto de pesquisa devem apropriar-se das produções que estão sendo desenvolvidos nesse campo de pesquisa, compreendendo-as e relacionando-as com a realidade brasileira.

Segundo o autor Maurice Tardif (2014) que é um autor que influencia fortemente o campo de pesquisas sobre os saberes docentes no Brasil em sua obra que tem como título Saberes Docentes e Formação Profissional, o mesmo discorre a respeito dos saberes docentes e a sua relação com a formação profissional dos professores e ainda com o próprio exercício da docência. Destaca, a partir de pesquisas realizadas com o propósito de compreender o que pensam os professores sobre os seus saberes:

O saber docente é um saber plural, formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana. (TARDIF, 2014, p.54)

Partindo dessa ideia de pluralidade, o autor debate que a probabilidade de uma aprovação lógica dos saberes docentes só existe quando associada à natureza distinta de suas origens, às diferentes fontes de sua aquisição e as relações que os professores estabelecem entre os seus saberes e com os seus saberes.

Tardif (2014) destaca a existência de quatro tipos diferentes de saberes insinuados na atividade docente: os saberes da formação profissional, das ciências da educação e da ideologia pedagógica; os saberes disciplinares; os saberes curriculares e, por fim, os saberes experienciais

Mesmo abraçando e desenvolvendo sua alegação no sentido de afirmar que há outros saberes relacionados ao fazer dos professores, Tardif(2014) chama a atenção para a posição de destaque ocupada pelos saberes experienciais em relação aos demais saberes dos professores. Essa posição de destaque se explica principalmente pela afinidade de exterioridade que os professores nutrem com os demais saberes, pois não controlam sua produção e sua circulação.

Dessa forma, mesmo que os saberes docentes possam ser derivados do conhecimento a respeito das ciências da educação e de métodos e técnicas pedagógicas, saberes da formação profissional, do campo do conhecimento específico a ser ensinado, saberes disciplinares, da assimilação de uma forma “escolar” de abordar os conhecimentos que serão objeto de ensino, saberes curriculares ou da própria experiência diária da tarefa de ensinar, saberes experienciais, ao mesmo tempo reconhecemos que existe um saber específico que é o efeito da junção de todos esses outros e que se fundamenta e se legitima no fazer habitual da profissão.

O saber profissional dos professores é, portanto, na concepção de Tardif (2014), um amálgama de diferentes saberes, derivados de fontes diversas, que são construídos, relacionados e movimentados pelos professores de acordo com as exigências de sua celeridade profissional.

Os saberes experienciais dos professores são resultado de um processo de construção individual, mas, ao mesmo tempo, são compartilhados e legitimados por meio de processos de socialização profissional. Nesse sentido, a interação entre os professores desencadearia um processo de valorização e de reconhecimento desses saberes como saberes de uma classe e não de um profissional em específico.

Diante dos resultados e análises exibidas por Tardif (2014) pode-se alegar que o processo que torna um professor o que ele é e que permite a aquisição e a construção dos saberes necessários à sua prática profissional é complexo e marcado por diferentes períodos, diferentes vivências e experiências.

O exercício profissional de um docente é consequência da relação existente entre os seus diversos saberes, adquiridos não somente na sua elaboração profissional, cursada em instituições propostas à formação de professores. Os saberes dos professores são da mesma forma, resultantes dos conhecimentos e ensinamentos aprendidos na sua vida familiar e social, no transcorrer de seu andamento escolar como aluno, no seu próprio lugar de trabalho, por meio das relações constituídas com alunos e colegas de profissão. A partir do ponto de vista defendida pelo autor, os professores são produzidos pelo seu trabalho, mas também o produzem. Produzem conhecimentos, saberes, práticas, normas de conduta, formas de ser e de fazer. Dão definição às experiências sobrevindas do exercício de sua profissão e à coexistência com os outros que fazem parte do seu habitual trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos inicialmente sobre a formação do professor, percebemos quantas dificuldades ele tem que cruzar ao se deparar com as particularidades da Educação de Jovens e Adultos. Muito embora saibamos que ele tenha se adequado de algumas qualificações próprias à docência, ainda assim, há necessidade de uma formação voltada a essa modalidade de ensino em causa da subjetividade que seus alunos têm.

Acreditamos ainda que, em vista do dinamismo da função docente, em alguns momentos nos deparamos com novas situações em sala de aula, as quais nos levam a procura de novos recursos para uma intervenção mais eficiente junto ao aluno. Temos consciência também que, em se tratando de educação, a formação estará sempre incompleta, necessitando de mais saber, essa necessidade consecutivamente estará ao lado de quem lida com o conhecimento. No adestramento da função docente o professor deverá estar sempre se atualizando tanto na obtenção de novos conhecimentos quanto na ação didática, e um importante instrumento dessa atualização é, com certeza, a formação continuada.

Com base no exposto, torna-se decisivo, rever a atuação docente além do exercício da sala de aula, além das complicações de preenchimento de fichas, entre outros tantos afins. Todavia, é preciso, que a formação continuada seja vista como uma etapa favorável a prática docente, visando à melhoria do ensino e a quebra de uma visão de mundo estagnada. Porque, ser professor, é muito mais que ser apenas um profissional do ensino.

Assim, pensar na formação do professor nos remete pensar na escola como espaço excepcional para esse desenvolvimento, não podemos descartar as trocas entre os pares e a apropriação das teorias que envolvem a EJA geram uma transformação capaz de suprir as necessidades, os vazios que muitas vezes acontecem em sala de aula. As doutrinas nos levam a rever conceitos errados, servem como alicerce que nos dão subsídios para alcançar os objetivos na ação pedagógica.

Diante das discussões e reflexões desenvolvidas no trabalho em questão, ficou claro o valor da formação continuada na escola, levantando problemas, buscando aceitáveis soluções. Quando o professor pode colocar seus questionamentos, suas angústias, trocar ideias, experiências, aumenta o apoio teórico e pedagógico para que ele sinta mais segurança em realizar um bom trabalho. Confiamos que esse é o ponto de partida. Esta formação que acontece na escola agrada de modo mais objetivo, mais direto as dúvidas, as dificuldades do professor, completando de forma mais imediata os problemas causados ali, naquele espaço, com aqueles alunos, uma vez que a teoria e prática é muito presente no espaço escolar.

Concordamos que este ambiente deva não somente ser mantido, mas também ampliado para um espaço de discussão sobre as condições de trabalho, soluções, avaliação, proposta curricular e sobre toda evolução que envolve a educação, incluindo a própria formação profissional. Deve existir sempre uma influência mútua entre conhecimento profissional e a subjetividade do indivíduo, e, é nesta relação, que o profissional se torna sujeito do conhecimento de si mesmo, de sua realidade e da sua vida profissional, de seu potencial e de sua influência sobre o que faz, sobre a realidade e sobre si mesmo, enfim de sua inclusão no mundo.

A conservação dos grupos de estudos nas escolas é uma importante tática no conjunto das que caracterizam a formação continuada. No entanto, defender a escola como espaço excepcional de formação contínua não significa desconsiderar outras instâncias de formação, como os espaços apresentados pelas universidades, instituições culturais, científicas, artísticas etc. e aquelas ditas pelos próprios sistemas de ensino. O importante é que estas não se dissociem da escola e idealizem o professor como sujeito que faz parte de um grupal.

As expectativas para o desenvolvimento de um bom trabalho com a EJA são admiráveis e por se tratar da educação de pessoas adultas, o interesse é maior e a existência dos problemas também, por isso os reforços para ambas as partes, aluno e professor podem ser dilatadas. O trabalho do professor deve ser pautado sempre por este princípio: desenvolver o aluno e a ele também como professor, para isto é necessário que exista diálogo, troca, sendo que o professor deve estar preparado para administrar todo este processo.

É importante também ter em pensamento que um projeto direcionado à EJA deve estar corretamente integrado ao Plano Político Pedagógico da escola. Ou seja, como qualquer outro projeto de outra fração, as escolas devem se tornar palco de discussão de ideias. Não deve haver separação dentro da escola e sim integração em torno do Plano Político Pedagógico, repensando a EJA e a escola como um todo impecavelmente interligado e de mãos dadas com a comunidade.

Por conclusão finalizo o presente artigo com a visão de que é necessário continuar os estudos e aprofundar debates sobre a temática em

questão. Essa visão se releva pela importância de disponibilizar aos educadores responsáveis cursos de capacitação continuada, contribuições para uma prática pedagógica que considerem atividades para a aprendizagem. O presente estudo é o início de pensamentos que poderão encorajar pesquisas que busquem mais a fundo as propostas e possibilidade de sua inclusão no Projeto Pedagógico, bem como provoquem debates visando a reflexão sobre as práticas pedagógicas, propor uma educação para jovens e adultos numa expectativa de educação para todos e por toda história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBACHE, Ana Paula. **A Formação de educadores de pessoas jovens e adultos numa perspectiva multicultural crítica**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro.

Papel Virtual Editora, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, DF, 2000.

BEHRENS, M. A. **Formação continuada de professores e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1996.

DAYRELL, J. T., A escola como espaço sócio-cultural. In: Juarez Dayrell. (Org.) **Múltiplos Olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996, p. 142)

ESTRELA, M. T. (Org.) **Viver e Construir a profissão docente**. Lisboa: Porto, 1997.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo, Cortez, 2000.

NUNES, Celia Maria Fernandes. **Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira**. Educação e Sociedade - Dossiê: Os saberes dos docentes e sua formação. Campinas, SP: Cedes, nº 74, Ano XXII, p. 27-42, 2001.

OLIVEIRA, Maria A. M. et al. **Gestão Educacional: novos olhares, novas abordagens**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1973

PICONEZ, Stela C. Bertholo. **Educação escolar de adultos: possibilidades de reconstrução de conhecimentos no desenvolvimento do trabalho pedagógico e suas implicações na formação de professores**. São Paulo, 1995. Tese (Doutorado) USP.

SANTOS, M. L. L. (2003). **Educação de jovens e adultos: marcas da violência na produção poética**. Passo Fundo: UPF.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. RJ: vozes, 2014.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.